

Letra: leitura, escrita e autorização¹

Iaci Torres Pádua

O que pensei em falar hoje, em nossas Jornadas, tem a ver com um ponto de oscilação do sujeito, situável, onde o discurso da histeria se alonga, se estende, do discurso do mestre antigo, ou também situável pelo semblante, pelo lugar de giro dos discursos que, neste caso, é o do mestre. Esse ponto de oscilação do sujeito é aquele em que pode vir a alojar-se, também, o narcisismo secundário, como radical, por estar o narcisismo primário, neste caso, excluído. Esta operação depende do quanto o que se localiza, o que se situa neste ponto de oscilação do sujeito, repito, que são questões sobre a verdade, depende das dificuldades que ela, por falar, a ele possa apresentar.

São dificuldades que se situam ao nível da estrutura ou, podemos também dizer, da importância, para esse sujeito, de ele sofrer uma mudança de estatuto. É algo diante do que Lacan introduz: “eu, a verdade, falo”. Palavras com as quais atinge o ser da linguagem, a coisa inominável, como o tudo, o que há para dizer da verdade, a única. Assim, a verdade é esta que pela relação que mantém com o real, também pode metaforizar-se pelo incesto. Em suma, aí está a coisa freudiana, uma verdade a ser dita e um dizer que vem de onde o real comanda a verdade. Por isso também, não podemos esquecer que é a verdade que fala eu. O problema é antigo, e podemos trazer um dizer da filosofia, no que faz um retorno ao sentido, que não é renegável, e marca bem a problemática, sem nos comprometer em nosso discurso, por que enuncia um paradoxo: “nada esconde tanto quanto aquilo que revela, a verdade é igual ao segredo”.

E podemos compreender isso, porque: a verdade se funda pelo fato de que fala e não dispõe de outro meio para fazê-lo, para fundar-se.

Que manifestações encontramos a respeito dessa dificuldade, no atravessamento desse tal impasse? O fato de a função da verdade, por exemplo, apresentar-se amortecida quando se trata de o sujeito tomar os matizes de sua relação específica com a língua, é uma delas. Aí está porque os analisantes não falam senão de suas relações com seus parentes, mas a verdade sobre a questão do parentesco não vem à tona. Não há nenhum exemplo de que um analisante note a especificidade que diferencia sua relação particular com seus parentes. O fato primordial é que se trata de língua, se ele não fala

¹ Trabalho apresentado na XV Jornada Anual da Práxis Lacaniana, 15 e 16 de setembro de 2012, Niterói.

senão de seus parentes é porque eles lhe ensinaram alíngua. Outra manifestação ou erro de leitura, do analisante, é que a verdade pode estar suposta em uma proposição verdadeira, ou seja, aquela que ele tem como verdadeira.

A importância destas questões é de assinalar que há uma passagem lógica que espera sua entrada, a passagem lógica é: a entrada da dimensão da verdade como variável. Vocês sabem que a lógica produziu a noção de variável, quando pode confrontar-se com algo que suporta uma referência de verdade, ou seja, a variável aparente e manifesta x , por exemplo, se constitui porque x , no que se trata, marca um lugar vazio. O importante é que, pela variável, o mancar no discurso, a falha no discurso, não passa simplesmente, mas fica esse lugar de falha, marcado por ela.

Então, que diferença temos que fazer quando se trata da verdade e não de um significante em falta?

Na proposição verdadeira, a verdade está suposta, o analisante diz o que crê verdadeiro. Trata-se de um erro lógico, de leitura contudo, é preciso pensar que crer já é algo que existe porque essa crença necessita que o real já tenha se detido em seguir do imaginário. A verdade se apresenta suposta nela, na proposição verdadeira, quando por sua natureza isso não é possível. O que aponta a que é tempo da entrada dessa variável, a dimensão da verdade, pela importância de saber de que lado há que se sentir o alcance de nosso dizer. Ou seja, trata-se, naquilo que dizemos sempre, não de que haja duas vertentes, mas das leis do discurso como sistema de oposições.

Quando, nesse Seminário 24, Lacan diz que a metafísica é a histeria, quando lemos também que não se encontra nenhum histérico macho que não seja fêmea, o que está em jogo é o inconsciente, e a proposta é dar ao inconsciente um outro corpo, porque, como está, se pensam as coisas sem pensá-las, é preciso ir mais longe.

Há que se ler à letra ao pé da letra, como uma carta, e há que se passar pela escrita do retorno do reprimido, mas isso não muda a posição do sujeito, porque fica evidenciado que ele se mantém ainda por um saber que se contenta em começar sempre e um saber para não chegar a isso, não vai mais longe que o que responde pelo saber não sabido. Em primeiro lugar, de que isso se trata, quando se diz que se trata de não chegar a isso?

As questões, neste tempo, não são mais difíceis. As questões para um analista seguem se sustentando em suas complexidades e no tempo necessário de suas voltas: não há para ele reduções possíveis, nem do que precisa girar, nem como abreviar o tempo de trabalho.

A verdade por ter estrutura de ficção ao nível do mito, não pode ser suposta. O que pode ser suposto é o sujeito, o saber, o real. Mas quando há crença, há existência, e a verdade aparece sendo suposta, nessas proposições. O que quero destacar e trazer é que a verdade, que por estrutura não pode ser suposta, porque ela depende do emparelhamento do dizer e do dito, quando há crença, por uma proposição verdadeira, ela está suposta.

O que se passa é que, em uma suposição verdadeira há existência de algo, algo que se funda e se funda para a usura. Seguir por essa via, para questionar a usura que possa surgir dessa proposição verdadeira, faz a insistência coincidir na via de Freud, por seguir na psicanálise, mais ética que ôntica, mais ética a respeito de estar sempre em relação às questões trazidas pelo desejo inconsciente.

Trata-se, então, da astúcia da razão, a do filósofo? Trata-se dos vícios egocêntricos do mestre? Trata-se do desejo de reinar da histórica? Por que: o que pode ser esse eu que fala pelo imperativo, ao sustentar suas proposições verdadeiras, que se destacam pela verdade suposta?

Qual letra, então, estaria em jogo, e a escrita para entrar, a letra e a escrita que pudessem tocar essa estrutura imperiosa que se encontra, no caso, por uma verdade suposta, porque o analisante crê dizer o verdadeiro, uma crença, inclusive que não permite mudar as amarras do ser? O analista aí sabe, mas o analisante não sabe que o verdadeiro o ignora, é a verdade que fala eu.

“Não se escreve”, assim começa uma das aulas desse Seminário. Esse reflexivo se deve a que eu não escrevo, mas porque disse, encontro escrito. Trata-se da escrita que qualquer um pode escrever, porque encontra-se na dependência de que haja um dizer emparelhado com o dito por lhe ex-sistir, por não ser da diz-mensão da verdade.

E a letra? Aí ela pode ser lida ao pé da letra? A letra nesta escrita assim tem a ver com a letra que é mais que a letra que se escreve.

Qual a letra que está em jogo? Essa está ligada à interpretação justa, aquela que extingue um sintoma, que se autoriza por vir do discurso no artefato, que se autoriza do discurso do analista. Isso porque se trata do que ele tem de saber. E o que ele tem de saber pode ser traçado pela mesma relação “em reserva” pela qual opera toda a lógica. Isso não significa nada em “particular”, mas se articula numa cadeia de letras tão rigorosas que, sob a condição de não errar nenhuma, o não sabido ordena-se como quadro do saber, como diz Lacan na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, quando fala do que autoriza o analista ao lidar com o que ele tem de saber por uma formação não de

artifício, mas de inspiração, de um desejo sustentado a esse nível, ao nível do desejo do analista.

O que é ir até isso? Isso que se encontra como possível de emergir a partir do discurso da histérica por sua exigência de que escutemos seu blá-blá-blá? E o que faz de uma interpretação uma interpretação justa?

Aí temos mais um estreito pela frente. Lacan nos apresenta os poetas chineses que se expressam pela escrita, mas também nos avisa que temos que extinguir a noção de belo, nesta escrita, porque se trata de outra ressonância que não é a poética, mas de uma ressonância a se fundar sobre o chiste, porque o interesse do inconsciente pelo chiste está ligado à aquisição de alíngua.

Quando escutamos “L’insu que sait de l’une-devue s’aile a mourre”, podemos não alcançar logo, já que não se trata de nossa língua, mas aí se encontra: o insucesso que sabe da equivocação é a morra (o jogo); a ignorância que sabe do inconsciente é o amor; o fracasso do inconsciente é o amor. Mas, talvez possamos escutar em “L’etourdit”, apesar de estar em francês: atordoado, volta do dito etc.